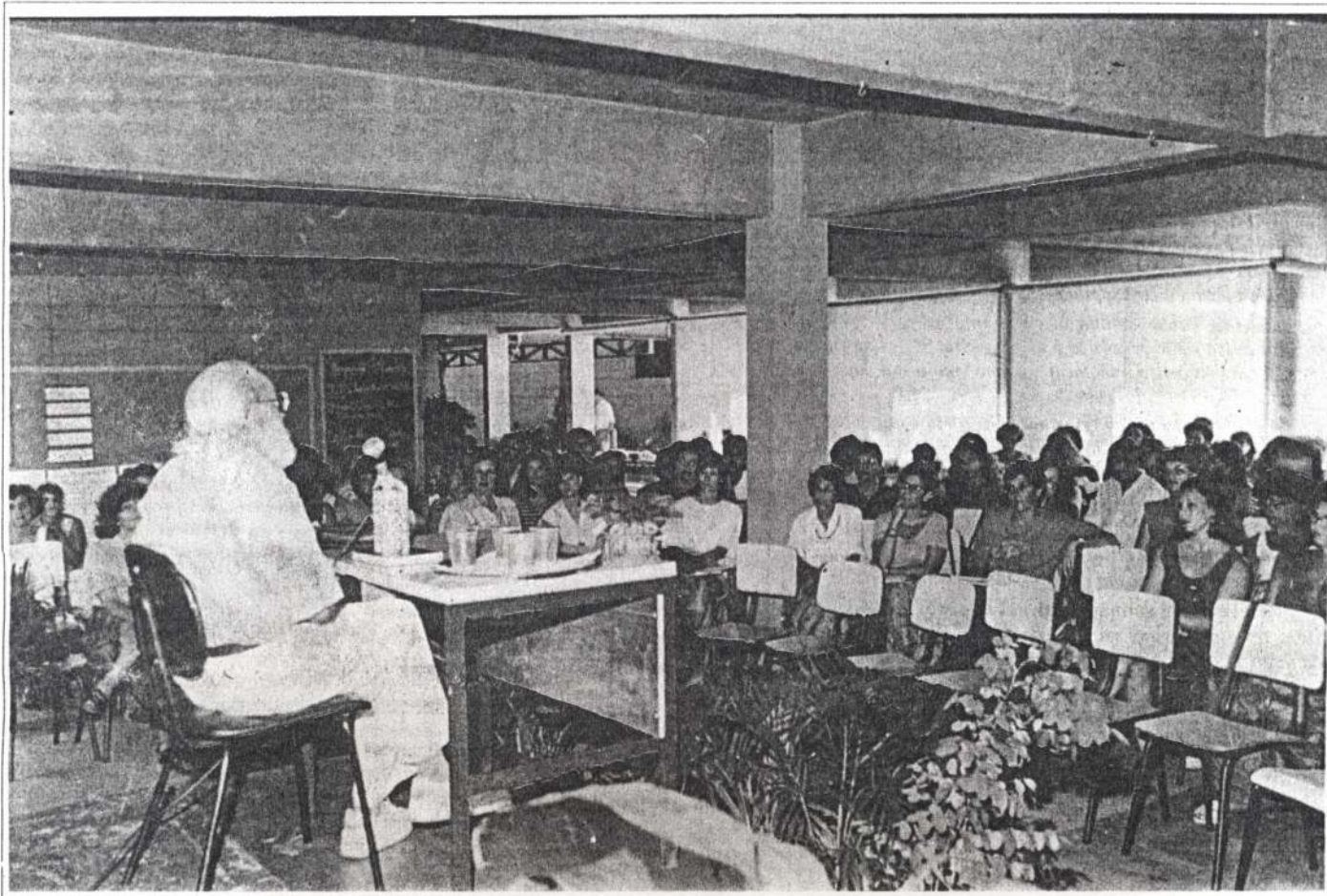




Ensinar, aprendendo

Aprender a ler a vida, escrever sua destinação histórica, constituir-se como sujeito e como consciência humana. A Pedagogia de Paulo Freire pensa numa existência comprometida com a "prática da liberdade" - o Homem restituído em sua dignidade e infinitude, abre suas possibilidades de ser livre, exercendo-a efetivamente.

O grande educador questiona as bases tradicionais da educação, instigando alunos e educadores a serem cúmplices, co-

participantes da grande viagem pelas terras das palavras geradoras, matrizes do universo social.

- "Trouxeste a chave" ? - Como Drummond, Paulo Freire lança o desafio do exercício pedagógico, despertando-nos do sono da acomodação massificante e guiando-nos para o sonho da formação de consciências críticas e responsáveis.

Utopia ? Não ! Antes, projeto que deve ser assumido por todos aqueles que descobrem o prazer de aprender, ensinando.

Conversa com Paulo Freire nas páginas 6, 7, 8 e 9.

Vestibular 94

Página 5

Novos espaços

Página 3

Dicas de leitura

Página 10

Fazendo Arte

Página 11

Ponto de Vista

Última página

Sobre escolas comunitárias

Eu não diria que haja grandes antagonismos entre as escolas comunitárias que conheço, mas que elas têm diferenças: sonhos, competências e gostos diferentes, pedagogias parecidas mas não necessariamente iguais.

Há também uma certa conotação em sua natureza que abarca a todas, uma espécie de sonho e de impulso aberto e democrático. As escolas comunitárias nascem de um desejo e uma utopia - o desejo de fazer e de servir.

Quando ela se distancia da possibilidade de diálogo, de abertura, perde seu endereço histórico, político, cultural, perde sua identidade e aí deveria apagar o atributo comunitária, porque já não é.

Existe nãs escolas comunitárias (particulares ou públicas) um ímpeto de prestar serviço e formar. O sentido de formação e a responsabilidade do processo de formar numa escola comunitária está muito mais demandado. Ela exige muito mais, pela sua própria natureza.

Do ponto de vista das classes populares, vemos que as escolas comunitárias foram e vêm sendo uma invenção a que as classes trabalhadoras se entregaram no sentido de formar seus filhos, reagindo ao descaso do governo com relação à educação.

Na minha compreensão política as massas não devem substituir o Estado. A escola popular comunitária deve de um lado trabalhar para a formação dos próprios filhos e de outro fustigar o governo, criticando e exigindo que ele cumpra o seu dever. Acho que uma das brigas fundamentais que o educador brasileiro deve ter hoje é a briga pela escola pública.

Pode parecer até uma grosseria da minha parte estar aqui

dizendo isso, numa escola que não é pública. Mas, não! Eu tenho todo o respeito por esta escola e digo mais, acho que deveriam existir muitas escolas assim. O governo, numa perspectiva democrática, não teria jamais o direito, nem a insanidade de, em nome do poder público fechar o privado. Esta escola deve continuar existindo, mas deve apoiar a briga em favor da escola pública.

Não tenho dúvida de que se houver uma reorientação dos gastos públicos e se fizer uma hierarquização das necessidades esse país resolveria não só o problema da educação como também o da saúde.

O espaço pedagógico

A questão da aprendizagem envolve o educador de um lado, e de outro o educando, e ao envolvê-los (educador e educando) necessariamente terá que partir da compreensão que ambos têm do espaço pedagógico - pois não há prática educativa sem espaço educativo. Eu não posso ser um bom educador se eu não dou nenhuma atenção ao espaço onde eu me encontro com os meus educandos.

Onde a vida emerge, o espaço se propõe como companheiro de diálogo de quem está vivo. Esta mesa, por exemplo, é já espaço que faz parte da constituição de um espaço maior em que a gente faz determinada prática.

Quando assumi a Secretaria Municipal da Educação, em São Paulo, havia 60% de escolas destruídas. Encontrei escolas com paredes apenas e com uma placa de bronze marcando a data da inauguração. Encontrei várias escolas inauguradas, sem professores, sem diretor e sem uma série de coisas previamente necessárias.

Os pais, irritados porque as escolas estavam inauguradas há um ano e meio sem funcio-

nar, exigiram que eu fosse lá. E eu fui. Zangados, queriam arrancar a placa, e eu disse: não, não vamos arrancar essa placa, porque se a arrancarmos estaremos nos comportando erradamente do ponto de vista histórico.

Amanhã os historiadores precisam chegar até aqui e saber que no final do século ainda havia políticos que inauguravam o que não estava feito. Mas, quando terminarmos de construir esta escola vamos dizer que o que está dito na placa ao lado é mentira. A escola está sendo inaugurada agora.

Como é que um poder público, que testemunha o seu desrespeito ao espaço pode depois exigir do menino que não rasgue a cadeira da sala de aula? Da mesma maneira, se em casa o menino está acostumado a subir nos móveis, pular nas poltronas, "...porque aqui não há repressão", como é que podemos querer que esse mesmo menino respeite a roseira do jardim público? Educamos primeiro fazendo, dando testemunho.

Andando de metrô, em São Paulo, fiquei maravilhado com o testemunho de limpeza e de respeito à coisa pública. O chão e as paredes limpas, obras de arte em perfeito estado. A própria limpeza que o Estado vem mantendo inibe as pessoas de sujarem.

Mas, se você chega num espaço sujo e maltratado, sente-se estimulado, convocado à destruição. É uma coisa que a gente deve viver com as nossas crianças: testemunhar, mostrar a elas que nós cuidamos da vida! O desrespeito às coisas materiais sugere a mim o desrespeito à vida.

O processo da aprendizagem

O processo de ensinar é parte do processo de aprender



Paulo Freire, educador responsável pelo M...
deixar o Brasil po...

Recentemente foi...
Luiza Erundino

Na abertura das...
realizar um encontro

O encontro ac...
funcionários e pais

Com o intuito de...
discurso espe...

Conversa com Paulo Freire



Paulo Freire, na ECC

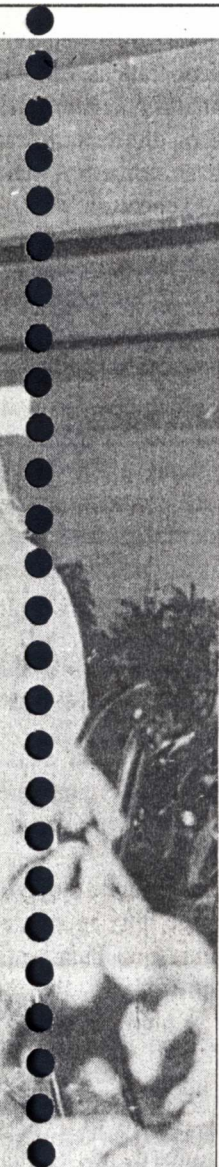
Paulo Freire, educador emérito, pensador, autor de numerosos livros (traduzidos em 18 idiomas) e responsável pelo Método Paulo Freire de Educação, foi cassado pela revolução de 1964 e obrigado a deixar o Brasil por alguns anos. Morou algum tempo no Chile e nos Estados Unidos, onde continuou escrevendo.

Recentemente foi Secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo, no governo da Prefeita Luiza Erundina. Hoje, além do seu trabalho como escritor, é professor na PUC de São Paulo.

Na abertura das atividades da Escola Comunitária de Campinas, neste ano, tivemos o privilégio de realizar um encontro com ele para uma longa reflexão em torno de alguns aspectos fundamentais da educação.

O encontro aconteceu no pátio da Escola, na manhã do dia 2 de fevereiro, onde professores, funcionários e pais ali presentes tiveram oportunidade de suscitar temas para as colocações de nosso convidado.

Com o intuito de repartir com nossos leitores a mensagem de Paulo Freire, transcrevemos aqui seu discurso esperando que suas palavras frutifiquem e nos acompanhem durante todo o ano.



latomas) e
e obrigado a
e continuou.

no da Prefeita
o Paulo.

privilegio de
da mentais da

professores,
ões de nosso

os aqui seu
o ano.

→→→

e o processo de aprender é parte do processo de ensinar. Errar é um momento fundamental no processo de aprender, pois o erro é a experiência que não deu certo. E corrigir o erro é refazer a experiência que não deu certo.

Então não há ensinar sem aprender e os dois são momentos de um processo maior - o conhecimento. Para aprender eu preciso ensinar e para ensinar preciso ter aprendido e continuar aprendendo.

O professor que pensa que já sabe tudo não pode ensinar, porque na verdade só sabemos ao re-saber, ao re-conhecer coisas que eu já sabia. Uma das belezas do processo de ensinar é justamente essa possibilidade que se abre de continuar aprendendo.

O processo de conhecer e de produzir conhecimentos é um processo social, do qual também faz parte uma dimensão individual, que deve ser respeitada. Eu não conheço sozinho, minha dimensão pessoal, particular, essa coisa que é só minha, íntima, privada, que faz com que eu seja só eu, não basta para que eu explique o meu processo de conhecimento, mas é indispensável.

O ser humano é programado para saber, sua história é uma história de possibilidades. Mas, é necessário criar condições para que o sonho se dê. Deve existir sempre uma cumplicidade entre o educador e o educando, pois sem essa cumplicidade não há educação. Cabe ao educador provocar essa cumplicidade (que não é conivência, mas aceitação do legítimo) para fazer melhor a prática.

Outra coisa fundamental para mim, como educador, é a minha clareza política. Desde os seis anos que me vejo escrevendo, falando, discutindo, e aos vinte, aos trinta, aos setenta e dois anos... porque acredito em certos sonhos. Acredito

que o ser humano é programado para saber e não é possível que um ser assim programado, possa naturalmente desistir de querer saber.

É preciso que nós, educadores, tenhamos um espaço para discutir essas coisas. Que paremos diante da nossa prática educativa para poder examiná-la. O conceito é uma abstração do concreto. Para conceituar eu preciso primeiro fazer a experiência concreta da abstração que o conceito me possibilita. E eu só conceituo na medida que vivo a experiência concreta.

A experiência pedagógica implica sujeitos que vivam a prática, que a experimentem. Quando digo sujeitos, já tenho nessa afirmação uma opção político-ideológica. De um lado tenho o sujeito educador, enquanto formador, e do outro o sujeito educando - sujeito do processo de se formar.

Quando o educando é reduzido a pura incidência da ação do educador, temos aí uma distorção autoritária, já não é mais uma prática democrática. E aí aparecem as contradições de gente que faz um discurso progressista, mas tem uma prática reacionária.

Medo x Coragem

Certa vez, numa conversa com adolescentes, uma menina de 13 anos me disse:

- Paulo você me pergunta que escola eu gostaria de ter. Eu gostaria de ter uma escola que fosse diferente de minha mãe.

- Acho que estou entendendo o que você está querendo dizer, mas me explica melhor.

- Uma escola que tenha mais coragem de acreditar nos adolescentes, do que minha mãe tem. Uma escola que tenha menos medo da vida.

Vejam, "a escola que eu quero é uma escola que tenha mais coragem do que minha mãe..." isso é "profundamente

profundo". Aí não há apenas uma crítica, há também uma compreensão do medo da mãe e uma insatisfação enorme contra esse medo.

Uma das nossas tarefas, como educadores que somos, é discutir com os adolescentes o problema do medo. O que é medo? O medo não é a negação da coragem, mas é a razão de ser da coragem. Eu só tenho coragem na medida que eu lido bem com o meu medo.

A minha coragem é o medo limitado e não o contrário. Quanto mais eu sou capaz de me estruturar emocional e intelectualmente, para me aproximar das razões do meu medo, mais eu posso ganhar coragem.

Então a coragem não é a fuga louca, não é a loucura de olhos fechados, cujo sujeito parte doidamente para a morte. Isso não é coragem, isso é loucura. Eu costumo dizer que quem faz história é gente viva.

Herói existe nas lutas, mas não porque o cara quis ser herói. Morreu no meio do caminho, mas ele gostaria de estar vivo. (Eu, por exemplo, gostaria de estar vivo até esse país melhorar. Não sei se vai ser possível!).

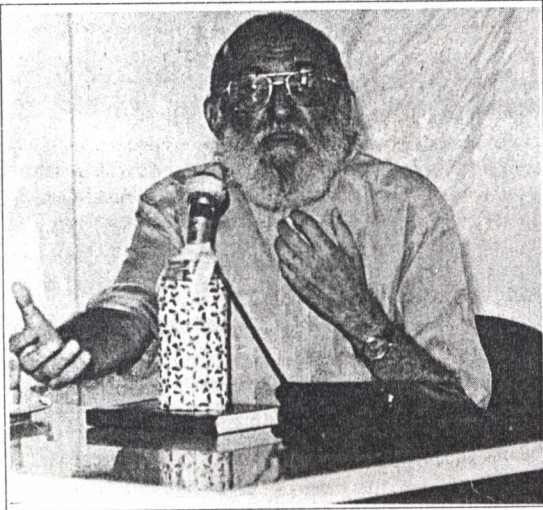
Autoridade

X

Autoritarismo

Há momentos em que a autoridade ao exercer-se como tal, aparentemente está sendo autoritária, mas na verdade não. Está tendo autoridade e usando-a. É interessante observar que a tradição brasileira do autoritarismo é tão forte que a sociedade brasileira não conseguiu ainda resolver o problema da compreensão crítica do que é

Continua na página 8



"As escolas comunitárias nascem de um desejo e uma utopia - o desejo de fazer e de servir".

"Esta escola deve continuar existindo, mas deve apoiar a briga em favor da escola pública".

"Onde a vida emerge, o espaço se propõe como companheiro de diálogo de quem está vivo".

"Amanhã os historiadores precisam chegar até aqui e saber que no final do século ainda havia políticos que inauguravam o que não estava feito".

"É uma coisa que a gente deve viver com as nossas crianças: testemunhar, mostrar a elas que nós cuidamos da vida!"

"Uma das belezas do processo de ensinar é justamente essa possibilidade que se abre de continuar aprendendo".

"O ser humano é programado para saber, sua história é uma história de possibilidades."

Continuação da página 7

autoridade e do que é liberdade.

A herança brasileira é colonial, de natureza autoritária. E temos nessa herança a sublevação da liberdade. Mas temos também, ao longo da nossa história, as expressões de luta contra a repressão, os "Quilombos". Vivemos no Brasil de um lado a repressão, de outro os quilombos. E eu vejo os quilombos como a expressão de ansiedade legítima da liberdade.

É preciso que, como educador, a gente ponha de lado o equívoco e, como político faça a clarificação do exercício da autoridade. E uma das tarefas da autoridade, no seu exercício ético, é limitar o exagero da liberdade, é proibir. A proibição é legítima quando ela se funda no princípio ético de amor à vida.

Vou dar um exemplo: estou em um edifício, no quarto andar, meu menino de três anos está pendurado na janela e pode cair de lá a qualquer momento. Não cabe a mim, nesse momento, como autoridade que sou, simplesmente chegar e dialogar com esse menino e fazer uma discurso sobre o perigo, porque senão ele morre. O que é que me cabe, então, como autoridade legítima e não autoritária? É proibir isso, imediatamente.

O filho não pode fazer o que simplesmente lhe agrada fazer. Eu jamais permiti que meus meninos fizessem o que quisessem com os móveis da casa. Jamais! E acho que não há ninguém doente por causa disso. Me achavam até muito aberto, muito democrático...

É engraçado, quanto mais democrática a pessoa é, mais exigente ela se torna. Porque você exige o respeito do outro lado e, ao mesmo tempo, exige o uso da liberdade do outro. Eu aposto muito na liberdade e acredito até que foi ela que inventou a autoridade. Uma não pode existir sem a outra.

Nossa grande tarefa hoje, nesse país, é levar adiante esse sonho da democracia. E ninguém melhora a democracia com golpe de Estado. Pelo contrário, essa gente toda, cor-

rupta, se acobertou exatamente nos períodos em que cada um podia fazer o que quisesse, pois não havia consequências. Só há restrição a essas imoralidades, no mundo todo, através de experiências democráticas. Eu não conheço ditadura nenhuma, de esquerda ou direita, que desmoralize essas coisas. A tendência é para encobrir.

Acho que devemos procurar viver essa experiência da relação autoridade- liberdade dentro da sala de aula, qualquer que seja a idade dos nossos meninos. No momento em que você introjeta a autoridade externa, e ela vive em você, você cria a correta autoridade interna. E essa foi a tarefa que a liberdade deu à autoridade - ajudar a gente a ser gente.

A formação do professor

De vez em quando devemos nos perguntar: - Será que não estou equivocando na tarefa docente? Ao final de cada ano, quando chego exausto, chego feliz apesar de tudo? E ainda que haja tantas coisas contrárias, obstaculizando esse meu gosto pelo trabalho, mesmo assim continuo gostando?

É isso que faz com que muitos de nós continuemos no magistério. Muita gente mais jovem diria: Paulo, você é um idealista, um sonhador. E eu digo: Não, não é idealismo. É concretude! Foi assim que eu cheguei aos meus 72 anos ensinando desde os 19.

Pobre do educador ou da educadora que se pensa formado. Eu me considero um sujeito permanentemente em formação. Com 72 anos e meio, me sinto às vezes com 20. Com possibilidade de aprender sempre. Tenho netos de 23 e de 4 anos, e ainda posso dialogar com essa meninada porque faço um esforço constante de estar sendo, e não de que já sou.

Todo mundo está sendo, ninguém é, e ninguém era. E isso é uma das coisas que nos faz continuar aprendendo, conversando com os jovens,

escrevendo. Em cada página que escrevo, consigo reconhecer coisas que eu já conhecia mas descobri nelas algo que ainda não conhecia.

A gente precisa viver e testemunhar isso às crianças, sem arrogância. Viver com a humildade de quem sabe que pouco sabe, mas porque sabe que pouco sabe, sabe também que pode saber mais.

Isso tem a ver com a natureza do ser humano - nós somos seres históricos porque inventamos a história. Fomos nós que inventamos o tempo histórico, assim como inventamos a linguagem e os limites para continuarmos a ser.

Há uma sabedoria enorme entre nós, ao nível da consciência do que fazemos e da própria vida. O fenômeno da comunicação, humana, por exemplo, é uma coisa extraordinária! Não haveria vida sem ele.

E por sermos seres essencialmente comunicativos, seres profundamente sociais e históricos, é que precisamos um do outro. Ninguém é só. Para ser precisamos estar em constante comunhão.

Às vezes nós, professores, individualizamos demais o processo de conhecer. Se tivéssemos entendido desde o começo que o processo do conhecimento humano era uma obra social e comum, e não individual, talvez tivéssemos podido evitar a famosa "cola".

Se estimulássemos nossos meninos ao processo comum do saber, à produção do conhecimento como uma produção comum junto a uma dimensão individual, com certeza daríamos uma contribuição maior à humildade.

A humildade não é humilhação, é também uma ampliação da gente mesmo. Ninguém é humilde de nascença, ninguém é nada de nascença, a gente se faz. E cabe a nós, à nossa geração, preparar condições mais favoráveis para que "seres programados para saber" saibam melhor. Essa é uma responsabilidade

Continua na página 9

Continuação da página 8

política, que se torna pedagógica porque política.

Meu trabalho como escritor

Até hoje eu acredito mesmo é na minha mão, no lápis e no papel em branco. Depois é que eu passo minhas anotações para minha secretária. Nita, minha esposa, que vem acompanhando meu trabalho como escritor, acha que meu estilo de escrever se homogeneizou mais, foi mudando.

Hoje há uma certa busca estética da linguagem e uma certa cotidianidade. Meu trabalho é muito cotidiano. É desse cotidiano que eu retiro experiências vividas, minhas e de outros, e as transformo em casos, em tramas. E ao falar dessas tramas, busco a teoria da própria trama e suas consequências. O que há de testemunhal nisso?

No meu livro "Professora sim, tia não" eu me bato muito pela profissionalização do profissional e critico a tia - um esforço de uma ideologia dominante para desprofissionalizar o educador. No fundo a ideologia está aí. E digo: "você que está lendo esse livro agora, pode gostar de ser chamada de tia e eu não tenho nada com isso. Agora, o que você não pode é continuar a ser chamada de tia sem saber da ideologia que trabalha contra você."

Nesse livro eu procuro falar um pouco sobre tudo isso: o que significa ensinar, o que significa aprender, como é que a gente se relaciona como professores e alunos. E através de cartas discuto certas dimensões da experiência humana no nosso cotidiano.

O ato de ler e escrever

Quando o bicho gente começou a ensaiar passar de animal para outro animal, num salto qualitativo, chegou o momento em que ele desprezou suas mãos, liberou-as, descobrindo novas possibilidades de uso. Imagino que ele

deve ter levado um grande susto nessa hora.

A possibilidade de usar as mãos para fazer coisas é que nos levou a criar, a ser gente. Nós não somos a priori. Fizemos a história e nos fizemos através dela.

E quando esse bicho ganhou novas formas de ser, de estar sendo, numa manhã que já era história, ele inventou a fala. E aí deu um salto fantástico! A invenção da fala implicou necessariamente num processo de falar que consubstanciou a invenção da escrita.

Quando a espécie humana foi competente para, através da sonoridade, dar à sua fala a carne do que fizeram, estava posta a linguagem. E, nesse mesmo momento, foi inventada a escrita. Quando o homem e a mulher puderam abrir a boca e pronunciar uma interjeição com a qual puderam comunicar o seu espanto, naquele mesmo momento o processo da escrita estava contido naquela exclamação.

Historicamente levamos muito tempo para que a linguagem, o discurso oral caminhasse junto com a forma escrita, mas o que quero dizer é que não poderia ter havido discurso oral sem embutir nele o escrito.

A relação entre o ato de escrever e o de falar é absolutamente inquebrantável. Não é possível fazer uma coisa sem a outra. Mas, como temos uma irresistível atração para dicotomizar coisas indicotomizáveis, inventamos a tradição de ensinar uma separação inexistente entre ler e escrever.

Em primeiro lugar eu só leio o que os outros já escreveram e, para isso, eu preciso ser leitor de mim mesmo. medida que leio o que escrevo e descubro que não disse tudo o que queria dizer, me preparo para: primeiro - saber ler melhor, segundo - ler melhor o que os outros escreveram, terceiro - ler melhor o que eu mesmo estou escrevendo. E me preparo para fazer uma descoberta extraordinária: a compreensão da significação do texto que eu

leio não está posta, escondida dentro do texto, pelo autor.

Lembro-me daquela brincadeira de esconde-esconde em que a gente gritava "estou quente" ou "estou frio", na medida em que a pessoa que estava procurando se aproximava do objeto. Acho que a compreensão do texto não se dá da mesma forma que o brinquedo do "estou quente, estou frio". Quem lê tem que produzir a inteligência do texto que lê, e não só o autor.

Quando escrevo, obviamente, com a minha linguagem escrita (que acompanho oralmente) estou desvelando um determinado objeto. Estou tentando dizer para mim mesmo o que é o objeto sobre o qual eu escrevo.

A concretização da inteligência do texto não é tarefa exclusiva do autor, porque é também, e sobretudo, tarefa do leitor que deve produzir a inteligência do texto. A leitura deve ser uma reescrita. Se não for não serve, eu ainda não aprendi a ler.

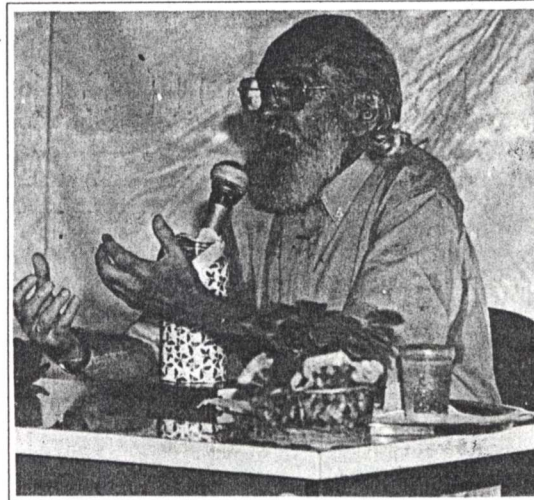
Por isso, não me interessa ler 200 páginas numa manhã. Mas ler uma ou duas páginas, reescrevendo o que estou lendo. O que será que o autor está dizendo? Qual é o significado dessa palavra?

O grande ator não é o que repete o texto que decorou, é o que reescreve o texto, dá vida a ele, não só com a palavra, mas com a vida.

Costumo sugerir aos estudantes (professores e alunos) que não durmam antes de escrever uma página qualquer. Nem que seja uma carta pra ninguém! "Escrevendo aprendo a escrever, e não é possível escrever sem ler - são faces de uma mesma moeda!"

E é preciso despertar esse gosto desde a infância. Viver com o menino essa dialética da escrita e da leitura. A linguagem escrita não aparece apenas quando ela já tem forma. A garatuja é o ensaio introdutório à linguagem escrita, e deve ser reconhecida pelo educador como linguagem escrita, daquela criança, naquela fase.

■ ■ ■



"A experiência pedagógica implica sujeitos que vivam a prática, que a experimentem. Quando digo sujeitos, já tenho nessa afirmação uma opção político-ideológica".

"Quanto mais eu sou capaz de me estruturar emocional e intelectualmente, para me aproximar das razões do meu medo, mais eu posso ganhar coragem".

"Vivemos no Brasil, de um lado a repressão, de outro os quilombos. Vejo os quilombos como a expressão de ansiedade legítima da liberdade".

"A proibição é legítima quando ela se funda no princípio ético de amor à vida".

"Eu aposto muito na liberdade e acredito até que foi ela que inventou a autoridade. Uma não pode existir sem a outra".

"Muita gente mais jovem diria: Paulo, você é um idealista, um sonhador. E eu digo: Não, não é idealismo. É concretude!"

"Viver com a humildade de quem sabe que pouco sabe, mas porque sabe que pouco sabe, sabe também que pode saber mais."